

HRAN reduz atendimento

O atendimento do pronto-socorro do Hospital Regional da Asa Norte (HRAN) ficou restrito ontem aos pacientes de ginecologia, pediatria e cirurgia geral. A quantidade de casos atendidos ficou abaixo de 50% da média diária de 600 pacientes que chegam à emergência do hospital, pois não eram atendidos os pacientes de clínica médica, que no pronto-socorro engloba gastrologia, pneumologia, urologia e até cardiologia. Os mais desesperados, segundo um funcionário que não quis se identificar, optavam por preencherem as guias para a cirurgia geral, a especialidade mais próxima e em funcionamento.

Duas mulheres mostravam-se ontem à tarde mais revoltadas que as demais pessoas que aguardavam no hall de entrada do pronto-socorro do HRAN. Maria Pessoa Pereira, 34 anos, moradora da Ceilândia, chorava copiosamente com aparência de quem sentia muita dor abdominal. Ela sofre de úlcera duodenal há sete anos e desde janeiro está tentanto, sem sucesso, fazer uma endoscopia recomendada por um médico do Hospital Regional de Ceilândia.

Quebrado

Maria Pessoa marcou seu exame três vezes, mas alega que ele não foi feito porque o equipamento do HRC estava quebrado. Ela afirmou que não consegue dormir ou se alimentar desde domingo, devido às dores. Na segunda-feira procurou o Hospital Regional de Taguatinga (HRT) mas a clínica de gastroenterologia estava fechada.

Ontem, Maria foi ao Hospital de Base, mas os funcionários do guichê não preencheram sua ficha e a encaminharam ao HRAN, sem avisá-la que este hospital estava fechando. Com medo de ser opera-

da, ela não aceitou se consultar com um cirurgião geral e no final da tarde já não tinha esperança de ser atendida.

Jaime Rabelo da Silva, porteiro de bloco na Asa Norte, estava temeroso que sua mulher, Everli dos Santos, estivesse com meningite, devido a fortes dores de cabeça que ela vinha sentido desde a semana passada. Everli foi atendida no posto de saúde da 114/115 Norte e encaminhada para o HRAN, onde recebeu apenas uma injeção contra dores. Jaime ainda pretendia levá-la ao Hospital Presidente Médici, mas estava sem dinheiro para pegar um táxi e as ambulâncias do hospital estavam todas paradas.

Paralisação

O vice-diretor do HRAN, Elias Miziara, afirmou que aos médicos do hospital só restou a opção de paralisar a clínica médica, responsável pela metade dos 600 atendimentos diários na emergência. O HRAN estava fazendo praticamente todo o atendimento da clínica médica do Distrito Federal desde o fechamento do Hospital de Base, há um ano e meio. Os hospitais Presidente Médici e Regional da Asa Sul não assumiram a demanda originada pelo fechamento do HBB e o HRAN acabou ficando com todos os pacientes.

O pronto-socorro do HRAN tem capacidade para manter 20 pessoas internadas por dia, mas este número era superior a 60 pacientes ontem de manhã, quando foi iniciada a paralisação. "Temos até um paciente paraplégico que o hospital Sarah Kubitschek não recebe porque ele tem escaras (feridas) nas costas. Nós o estamos tratando na cirurgia plástica, mas a escara é um problema simples que se resolve apenas com cuidados de enfermaria", afirmou Miziara.